PARANINFO DIGITAL
MONOGRÁFICOS DE INVESTIGACIÓN EN SALUD
ISSN: 1988-3439 - AÑO X – N. 25 – 2016
Disponible en: http://www.index-f.com/para/n25/384.php

PARANINFO DIGITAL es una publicación periódica que difunde materiales que han sido presentados con anterioridad en reuniones y congresos con el objeto de contribuir a su rápida difusión entre la comunidad científica, mientras adoptan una forma de publicación permanente.
Este trabajo es reproducido tal y como lo aportaron los autores al tiempo de presentarlo como COMUNICACIÓN DIGITAL en "LA ENFERMERÍA COMO INTEGRADORA DE SABERES" **V SIAHE – Simposio Iberoamericano de Historia de la Enfermería, III Foro I+E Reunión Internacional de Investigación y Educación Superior en Enfermería**, reunión celebrada del 11 al 12 de noviembre de 2016 en Granada, España. En su versión definitiva, es posible que este trabajo pueda aparecer publicado en ésta u otra revista científica.

Título **Eugenia E Enfermagem:Aconteceu no Brasil**

Autores Taka *Oguisso*, Genival Fernandes *de Freitas*, Lily *Low*
Centro/institución Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo
Ciudad/país São Paulo, Brasil
Dirección e-mail Lilylow32@gmail.com

TEXTO DE LA COMUNICACIÓN

Introdução

Este estudo pretende compreender como ocorreu a eugenia no Brasil, mais especificamente na enfermagem brasileira com o objetivo de esclarecer lacunas existentes em nossa história.
Eugenia segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, de Michaelis, e a teoria que defende o aprimoramento da espécie humana por meio de uma seleção tendo como base as leis genéticas.[1]
Um de seus representantes no Brasil foi o médico Renato Ferraz Kehl (1889-1974), defensor da eugenia e presidente da Comissão Central Brasileira de Eugenia, que acreditava que a miscigenação racial conduziria o Brasil para uma catástrofe. Importante lembrar que ele viveu em uma época em que havia grande preocupação com a identidade nacional e com a formação da nacionalidade brasileira. Como médico e farmacêutico, apoiava-se nos saberes das ciências biomédicas para a construção dessa nacionalidade brasileira[2]. Um estudo apontava que os "mestiços traziam os vícios e os defeitos das "raças" inferiores; portanto, eram preguiçosos e parasitas, como herança de índios, negros e portugueses":[2]
Eugenia é a ciência da boa geração. Ela não visa como parecerá a muitos, unicamente proteger a humanidade do cogumelar de gentes feias. Seus objetivos não se restringem à calipedia, isto é ter filhos bonitos. A beleza é um ideal eugênico. (Mas a ciência de Galton não tem horizontes limitados; ao contrário, seus intuitos além de complexos são de uma maior elevação).
O objetivo pretendido da eugenia era modernizar o país e apagar os símbolos da degeneração racial. Alguns intelectuais, durante a vigência dessas ideias, destacavam a inferioridade e a degeneração dos mulatos. Os cruzamentos "promíscuos" eram

produtos de indivíduos incapazes para o progresso da nação. O pessimismo em relação ao perfil racial brasileiro poderia ser superado se as ideias e práticas de eugenismo nacional fossem adotadas. Recebida como uma arma capaz de promover uma "nova ordem social", pela melhoria da raça, a eugenia encontrou, em Renato Kehl, um de seus mais importantes divulgadores.[2]

Uma obra expôs o pensamento do médico maranhense em seu livro *Os africanos no Brasil*, no qual sintetiza seu pensamento sobre a população negra.[3]

A raça negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem os generosos exageros dos seus defensores, há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo.

Na enfermagem observam-se vestígios, em 1934, quando foi publicado na revista *Anais de Enfermagem*, na coluna Página do Estudante, o texto de Lycia Ribeiro Lopes, intitulado "A Eugenia". Nesse texto, a autora referia que "as classes cultas da sociedade brasileira começam a inquietar-se principalmente diante da ruína física, mental e moral que tende caracterizar a época atual em nosso país, e já compreendem a necessidade imperiosa de medidas capazes de conduzir-nos a uma regeneração coletiva".

Ainda segundo essa autora, "sem eugenia, nada teremos realizado em proveito do Brasil de amanhã, e que antes de pensarmos em qualquer outro problema nacional, devemos cuidar do HOMEM BRASILEIRO, regenerado pela Eugenia, e por ela tornado capaz de prolongar sua prole, feliz, forte e sadia!"[4]

O início do século XX evoca o surgimento de um sistema político fundado na cidadania. A posse de negros havia acabado legalmente, mas as representações da escravidão ainda projetavam imagens que depreciavam os negros. Ao mesmo tempo, o período inaugura a formação profissional da enfermagem brasileira, com a adoção do modelo oficial de ensino da enfermagem no Brasil, como uma das realizações da reforma Carlos Chagas, que reorganiza a estrutura sanitária federal nos anos 1920. O período permite entender as origens da institucionalização do controle social em duas grandes cidades, Rio de Janeiro e São Paulo. Especificamente, permite problematizar representações impostas às pessoas pobres e negras, cujos significados evocavam imagens sociais desprestigiadas, que os apresentavam como degenerados, pertencentes a um tipo humano inferior, primitivo, ainda que imageticamente. As representações sugeridas, presentes em discursos inaugurais da República, geraram um universo estereotipado, polissêmico e acentuado por uma legitimidade totalizadora, que pretendia controlar a população de negros, assim como suas interferências na vida social mais ampla. Produzidos e disseminados por intelectuais que assumiam diferentes postos na administração pública, dirigindo instituições de controle social, tais discursos vinculavam comportamentos à "compleição física", classificando tipos humanos considerados, nessa medida, como inferiores, débeis, comprometidos geneticamente, cujas "taras primitivas" os conduziam inevitavelmente à criminalidade e à devassidão,[4]

Nesse sentido, a "compleição física" surgiu antes do Estado Novo (1930-1945), quando se identificavam os criminosos por traços característicos, antropométrico – o que permitia reconhecer um criminoso antes mesmo que ele pudesse cometer qualquer ato do qual merecesse ser julgado. Assim, o fenótipo é um importante fator para a instauração e a manutenção do racismo, pois os pares se reconhecem e passam a discriminar e julgar aqueles que apresentam características físicas distintas[5]

A pesquisadora Ieda Barreira citou bem essa questão na década de 1930, ao descrever o processo de seleção de candidatas para a Escola de Enfermagem Anna Nery, quando as negras e mestiças eram excluídas sistematicamente, o que pode ser constatado em

fotografias e documentos existentes no Centro de Documentação e Memória dessa Escola[6]
Era objetivo geral deste estudo contribuir em pesquisas sobre a participação do negro na enfermagem brasileira. Assim, seria impossível não discutir a questão do preconceito racial que houve e ainda perdura sob aspectos mais camuflados dentro da enfermagem brasileira.

Objetivo

Compreender como se deu a eugenia no Brasil e sua influência na admissão de negros na enfermagem brasileira.

Metodologia

A metodologia do estudo utilizada foi o descritivo e histórico-social desenvolvido com base na metodologia qualitativa com utilização da pesquisa documental

Resultados

Embora o objetivo pretendido da eugenia fosse modernizar o país e apagar os símbolos da degeneração racial, ela nos deixou marcas preconceituosas na enfermagem brasileira. Isto ficou constatado no estudo realizado pela pesquisadora Ieda Barrera, já no ano 1934.

O indivíduo que sofre discriminação racial, particularmente em sua profissão, sente-se desmotivado, inseguro e sem identidade, pois esta ferida (in)visível o acompanha, alterando seu comportamento e afetando seus laços afetivos na sociedade em que estiver inserido.

Conclusão

Faz-se necessárias mais ações afirmativas para minimizar os efeitos que a eugenia acarretou no Brasil e especificamente na enfermagem brasileira.
Esse tema deve ser discutido com alunos de graduação para que os torne profissional mais consciente, críticos e humanos, pois para "o cuidar" não existe cor de pele.
Mais estudos sobre esta temática se faz necessário, pois devemos esclarecer as lacunas escuras da nossa história, particularmente da história da enfermagem brasileira de forma a diminuir as desigualdades raciais.

Bibliografía

1.Dicionario de lingua Portugues Michaelis.Disponivel em: http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=eugenia [acesso: 31/08/16]
2. Santos RA. Pau que nasce torto, nunca se endireita! E quem é bom, já nasce feito? Esterilização, saneamento e educação: uma leitura do eugenismo em Renato Kehl (1917-37) [dissertação]. Niterói (RJ): Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Fluminense; 2008.
3. Rodrigues RN. Os africanos no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional; 1932. (Bibliotheca Pedagogica Brasileira V. Brasiliana v. 9,p.224).
4. Campos PFS, Oguisso T. Exclusión de mujeres negras. Su Representacion em la

enfermería profesional. Index Enferm. 2006;(55):27-31.
5. Bonini BB. Ser enfermeiro negro na perspectiva da transculturalidade do cuidado [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2010.
6. Barreira IA. Os primórdios da enfermagem moderna no Brasil. Esc Anna Nery Rev Enferm. 1997;1(especial lançamento):161-76.
7. Garcia TR. Eugenia! In hoc signo vinces: um aspecto do discurso sanitário da enfermagem, 1932 a 1938. Rev Bras Enferm. 1993;46(3/4):189-98.